

AS IMAGENS FÍLMICAS COMO RECURSO DIDÁTICO E PEDAGÓGICO PARA O ENSINO DA HISTÓRIA E DA CULTURA BISSAU-GUINEENSE

FILM IMAGES AS A DIDACTIC AND PEDAGOGICAL RESOURCE FOR TEACHING THE HISTORY AND CULTURE OF BISSAU-GUINEENSE

IMÁGENES CINEMATográfICAS COMO RECURSO DIDÁCTICO Y PEDAGÓGICO PARA LA ENSEÑANZA DE LA HISTORIA Y LA CULTURA DE BISSAU-GUINEENSE

Isna Gabriel Sia¹
Anderson Luis da Paixão Café²

RESUMO: A análise fílmica configura-se como um dispositivo historiográfico que pode ser utilizado para promover a difusão da história e da cultura e potencializar os processos de ensino de conteúdos históricos. Nesse contexto, este trabalho teve como objetivo demonstrar de que forma uma obra cinematográfica nacional pode contribuir para a compreensão da história e da cultura do povo Bissau-guineense. Para isso, realizou-se uma análise fílmica de um longa-metragem com o intuito de descortinar os aspectos do contexto sociocultural da sociedade Bissau-guineense. A pesquisa desenvolveu-se por meio de um estudo bibliográfico, complementado por uma análise fílmica de caráter qualitativo. Os resultados revelaram que o filme *Clara di Sabura* pode ser interpretado sob a perspectiva estruturalista, à medida que os valores, os significados e as visões de mundo ali apresentados são construídos a partir de uma lógica pautada na desigualdade social e de gênero. Espera-se que este artigo contribua para estimular educadores e educadoras e demais agentes do campo educacional a utilizarem obras cinematográficas como ferramentas pedagógicas na disseminação do conhecimento sobre a história e a cultura do povo Bissau-guineense.

6652

Palavras-chave: Análise fílmica. Recurso didático. Ensino de História. Guiné-Bissau. *Clara di Sabura*.

ABSTRACT: Film analysis is a historiographical tool that can be used to promote the dissemination of history and culture and enhance the teaching of historical content. In this context, this work aimed to demonstrate how a national film can contribute to the understanding of the history and culture of the Bissau-Guinean people. To this end, a film analysis of a feature film was carried out in order to uncover aspects of the sociocultural context of Bissau-Guinean society. The research was developed through a bibliographic study, complemented by a qualitative film analysis. The results revealed that the film *Clara di Sabura* can be interpreted from a structuralist perspective, insofar as the values, meanings, and worldviews presented therein are constructed from a logic based on social and gender inequality. This article is expected to encourage educators and other professionals in the field of education to use cinematic works as pedagogical tools in disseminating knowledge about the history and culture of the Bissau-Guinean people.

Keywords: Film analysis. Teaching resource. History teaching. Guinea-Bissau. *Clara di Sabura*.

¹Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática, pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP). Pesquisador do grupo Cronopies+, da mesma universidade. Atualmente, é bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

²Doutor em Difusão do Conhecimento, pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e Psicanalista em formação, pelo Centro Universitário Internacional (UNINTER). Atualmente, é servidor público efetivo do Tribunal de Justiça do Estado da Bahia (TJBA).

RESUMEN: El análisis fílmico es una herramienta historiográfica que puede utilizarse para promover la difusión de la historia y la cultura, así como para enriquecer la enseñanza de contenidos históricos. En este contexto, este trabajo tuvo como objetivo demostrar cómo una película nacional puede contribuir a la comprensión de la historia y la cultura del pueblo bissau-guineano. Para ello, se realizó el análisis fílmico de un largometraje con el fin de descubrir aspectos del contexto sociocultural de la sociedad bissau-guineana. La investigación se desarrolló mediante un estudio bibliográfico, complementado con un análisis fílmico cualitativo. Los resultados revelaron que la película *Clara di Sabura* puede interpretarse desde una perspectiva estructuralista, en la medida en que los valores, significados y visiones del mundo que presenta se construyen desde una lógica basada en la desigualdad social y de género. Se espera que este artículo anime a educadores y otros profesionales de la educación a utilizar las obras cinematográficas como herramientas pedagógicas para difundir el conocimiento sobre la historia y la cultura del pueblo bissau-guineano.

Palabras clave: Análisis fílmico. Recurso didáctico. Enseñanza de la historia. Guinea-Bisáu. Clara di Sabura.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho propõe reflexões a respeito da possibilidade de incorporação do uso de imagens fílmicas no componente curricular de História como uma estratégia de ensino para promover uma análise dos conteúdos relacionados à História e à Cultura do povo Bissau-guineense. A partir da utilização de imagens fílmicas, espera-se superar a exclusividade das aulas expositivas e das leituras textuais, favorecendo a criação de ambientes mais interativos, que possibilitem a ampliação do conhecimento, considerando as múltiplas possibilidades metodológicas no processo de ensino.

6653

O filme *Clara di Sabura* foi selecionado por expressar, de forma crítica, o incômodo em torno das questões que envolvem sua protagonista: uma mulher marcada por estigmas sociais construídos ao longo do tempo. Por outro lado, a película também se apresenta como uma ferramenta pedagógica, contribuindo para uma compreensão da persistência do patriarcado no contexto Bissau-guineense.

A Guiné-Bissau, localizada na África Ocidental, faz fronteira ao norte com o Senegal, ao sul e leste com a Guiné-Conacri, e é banhada a oeste pelo Oceano Atlântico. Em termos econômicos, o país tem como principais atividades a pesca e a agropecuária, com destaque para a exportação de peixe, frutos do mar, amendoim, castanha de caju e madeira. Politicamente, trata-se de um Estado marcado pela instabilidade política desde a sua independência.

Considerando que o cinema é um dispositivo cultural que reúne informação, entretenimento e potencial formativo, este artigo propõe-se a responder à seguinte questão de pesquisa: de que forma as imagens fílmicas podem ser utilizadas para descortinar a realidade Bissau-guineense e fortalecer o ensino de sua História e de sua cultura?

Nessa perspectiva, buscam-se demonstrar como a análise fílmica pode contribuir para a difusão da história e da cultura do povo Bissau-guineense, refletindo sobre as representações de gênero presentes na obra, sobretudo os estigmas atribuídos à protagonista, mostrando o potencial desse recurso pedagógico para ampliar o acesso ao conhecimento histórico.

A metodologia adotada nesta pesquisa baseia-se em um estudo bibliográfico, complementado por uma análise fílmica de natureza qualitativa. Essa abordagem visa destacar personagens, trechos, falas e contextos do filme *Clara di Sabura* que possam suscitar reflexões sobre a história e a cultura da Guiné-Bissau.

Utilizar o filme como recurso didático no ensino de História amplia as possibilidades de análise e favorece a compreensão histórico-cultural, pois o cinema oferece variadas chaves interpretativas. Assim, o filme não deve servir apenas como ilustração, mas como instrumento capaz de gerar questionamentos e estimular o pensamento crítico. Para isso, são essenciais a narrativa, a experiência retratada, a temática e os recursos cinematográficos empregados.

Além disso, esses elementos orientam as reflexões possíveis a partir do filme. Assim, busca-se analisar de que modo a obra pode contribuir para repensar os processos de ensino da história na Guiné-Bissau, favorecendo práticas pedagógicas que superem visões únicas e ampliem a compreensão dos(as) estudantes.

6654

Nesse sentido, ao se analisar um filme, é preciso estar ciente de que, embora qualquer espectador possa interpretar uma produção cinematográfica à sua maneira, avaliar as suas imagens é delicado, pois nem sempre há possibilidades de se prever o quanto o diretor domina os signos que utiliza. Ainda assim, o cinema oferece grande potencial para a análise histórica (Denovac, 2018). Neste trabalho, o filme foi interpretado a partir de uma perspectiva histórica, entendendo que a sua linguagem pode favorecer formas de acessar passados diversos, representados pelas experiências, percepções e vivências das pessoas em contextos específicos de espaço e de tempo.

Assim, o raciocínio histórico torna-se uma ferramenta essencial na análise de filmes, pois permite entender o passado como uma construção plural e interpretativa e não apenas como um conjunto de fatos. Nesse processo, assistir a um filme pode provocar conflitos, tensões e estimular o pensamento crítico (De Souza, 2018).

O texto inicia com uma breve introdução e prossegue com uma discussão sobre o uso de imagens fílmicas enquanto recurso pedagógico no ensino da História e da cultura da Guiné-Bissau. Em seguida, analisa as narrativas e os dilemas vividos pela personagem Clara, do filme

Clara di Sabura, enfatizando o julgamento moral que ela sofre ao desafiar as normas e convenções sociais Bissau-guineenses. Por fim, o artigo apresenta reflexões sobre a relevância das imagens e do movimento no processo de ensino da história e da cultura do país.

2 AS IMAGENS EM MOVIMENTO COMO RECURSO DIDÁTICO PARA ROMPER ESTEREÓTIPOS

O extermínio de saberes está profundamente associado ao colonialismo e ao racismo, que funcionam como mecanismos universais de destruição dos corpos, das mentes e dos espíritos, conforme postula Carneiro (2005). A autora argumenta que, ao ocupar um papel central na reprodução de saberes e de poderes, a educação contribui para o epistemicídio, isto é, o processo de apagamento e de deslegitimação dos conhecimentos produzidos por povos historicamente subalternizados o que, por sua vez, legitima e perpetua a cultura do dominador.

Diante disso, torna-se urgente promover uma inversão epistemológica, articulando a produção individual do conhecimento às lutas coletivas e comunitárias por reconhecimento. A visão reducionista dos saberes não ocidentais sustenta uma lógica de monorracionalidade, que impede a valorização da diversidade epistêmica e dificulta o reconhecimento de que diferentes culturas também são capazes de produzir conhecimentos válidos e sistematizados.

6655

Esses saberes, embora muitas vezes desconsiderados pela matriz eurocêntrica, possuem suas próprias racionalidades e formas de organização. No entanto, o eurocentrismo, ao enxergar o mundo por uma única perspectiva, impõe um imperialismo intelectual que extermina outras formas de conhecimento com o objetivo de manter sua hegemonia e reforçar uma visão totalizante da realidade.

As histórias africanas continuam sendo folclorizadas no contexto brasileiro, apesar dos avanços conquistados com a Lei 10.639/03 e a luta contínua do movimento negro que, há muito, reivindica uma educação mais inclusiva para a população negra. Destaca-se que estudar as histórias e as culturas afro-brasileiras e africanas representa um desafio significativo, pois implica romper com os estereótipos persistentes sobre o continente africano e apresentar suas transformações e suas dinâmicas de maneira ampla e contextualizada, superando a mitificação de seu processo histórico.

Formada por 54 países e com cerca de 1 bilhão de habitantes em 2017, a África possui um vasto território de 30,4 milhões de km² e concentra importantes reservas minerais e energéticas do planeta, incluindo grande parte do ouro, do cromo, da platina, do urânio e do potencial

hidrelétrico mundial. O continente também responde por uma parcela significativa da produção mineral global, destacando-se na extração de diamantes, platina, cobalto, ouro, cromo, urânio, manganês e fosfato (Bennaoum, 2013, *apud* Penha, 2018).

Nesse sentido, compreende-se a dimensão territorial da África, que é imensa, bem como sua relevância para o mundo em razão da riqueza que abriga. Contudo, ainda hoje, persiste a descrença em relação à “[...] história, experiências e conhecimentos dos povos da África, criados durante os últimos cinco séculos de dominação europeia. A retórica que nega a capacidade da África foi desenvolvida para acompanhar a desapropriação da África” (Asante, 2014, p. 118). Com efeito, tal processo esteve na base das conquistas empreendidas pelos países europeus nos continentes africano, asiático e americano, uma vez que a colonização implicava tanto a apropriação dos saberes relacionados à terra quanto a expropriação da própria terra.

Até recentemente, os livros didáticos limitavam-se a abordar a história da África apenas pelo viés da escravidão como se o passado do continente tivesse começado com o tráfico negreiro. Essa abordagem reducionista está enraizada no imaginário social que insiste em enxergar a África a partir de uma perspectiva eurocêntrica, atribuindo ao ocidente o papel exclusivo de produtor do conhecimento científico e tecnológico. No entanto, essa visão vem se transformando, sobretudo graças à atuação do movimento negro no Brasil. Como afirmam Gonçalves e Silva (2000, p. 105), “[...] sem esse ator coletivo jamais teríamos pautado o tema do racismo e da discriminação étnico-racial nas agendas políticas e da justiça brasileira”.

6656

Nestes termos, a inserção desses conteúdos nos currículos escolares contribui para a construção de uma educação voltada à inclusão, capaz de pautar e defender a diversidade. O continente africano, portanto, não deve ser reduzido a uma visão que privilegia apenas aspectos degradantes de uma sociedade marcada por séculos de cobiça, violência e exploração colonialista. É necessário, ao contrário, evidenciar seus grandes feitos. A história da África não pode ser resumida às páginas de sangue e guerra que seus povos foram obrigados a escrever na luta pela liberdade.

Como lembra Asante (2014), antes mesmo do surgimento do primeiro escritor grego, Homero, os africanos já haviam concluído a construção das pirâmides, por volta de dois mil e quinhentos anos antes de Cristo. Apesar da sofisticação alcançada em diversos domínios do saber, o continente africano continua a ser representado como selvagem e exótico marcado por guerras e ditaduras fomentadas, em grande parte, pela intervenção europeia. Entretanto, as

narrativas de Homero, ainda hoje, são usadas para explicar fenômenos relacionados à história africana.

Sublinha-se que o “Ocidente” não é apenas uma categoria geográfica, mas uma construção histórica que legitimou o colonialismo. Do mesmo modo, o “Oriente” constituiu-se como uma invenção cultural e política do Ocidente, que agrupou diversas civilizações a leste da Europa sob o signo do exotismo e da inferioridade (Said, 2007). Nesse sentido, como afirma Said (2007, p. 27), o Ocidente apresentou o Oriente como “[...] um lugar de episódios romanescos, seres exóticos, lembranças e paisagens encantadas, lugar de experiências extraordinárias”. Mais do que isso, ao inventar o Oriente, o Ocidente inventou a si próprio. Assim, a representação orientalista não passa de uma construção ocidental moldada por interesses geopolíticos.

O estudo do continente africano mostra que não existe uma única África, mas múltiplas realidades diversas. Segundo Silva (2015), a Geografia ajuda a compreender essa pluralidade a partir das vivências e das representações sociais ali construídas. A África, tanto em suas dimensões tradicionais quanto modernas, é marcada por grande diversidade cultural, expressa, inclusive, nos nomes próprios. Porém, a colonização desconsiderou essa diversidade, impondo fronteiras e categorias artificiais que fragmentaram o continente e desestruturaram suas organizações políticas, sociais e culturais.

6657

Tanto as imagens simpáticas quanto as representações tranquilizadoras sobre a África só surgiram após a Conferência de Berlim (1884-1885), quando o continente foi arbitrariamente dividido pelas potências europeias para fins de colonização. Nesse processo, as belezas naturais, a riqueza cultural dos povos e a diversidade dos territórios foram desprestigiadas, cedendo lugar às narrativas de barbárie, de atraso, de horrores e de mesquinharias. A África foi, então, mergulhada em uma imagem de bestialidade, negada em sua cultura, identidade e história.

Para apresentar a colonização como um processo supostamente pacífico, difundiu-se a ideia de que os reinos e impérios africanos viviam em guerras constantes. Para legitimar as violências e abusos da exploração, propagou-se a imagem de africanos como ignorantes e incivilizados. Assim, negou-se a humanidade africana e impuseram-se a violência e o trabalho compulsório. Essas representações distorcidas ainda apagaram a memória de rainhas e reis, dos palácios, das cidades construídas pelos próprios africanos e da grandiosidade de seus impérios (Munanga, 2012).

Os livros didáticos, sobretudo os publicados nos anos 1990, são prova dessa omissão sistemática. Soma-se a isso a destruição e a imposição da cultura europeia que marcaram profundamente as sociedades africanas. Nos séculos XIV e XV, por exemplo, o Império Otomano instituiu guerras, invasões e exerceu domínio sobre o norte da África e a região oriental, constituindo-se como uma das maiores potências mundiais da época. Esses processos de pilhagem e de violência contribuíram para o enfraquecimento do continente.

Sublinha-se, ainda, que a ida de grandes pensadores gregos à África ocorreu “[...] muito antes da existência de qualquer civilização europeia” (Asante, 2014, p. 119). Muitos desses pensadores buscaram, no antigo Egito, ampliar seu repertório científico em áreas como Matemática, Arte, Medicina, entre outras. Nesse sentido, Asante (2014) evidencia a centralidade da África e indaga sobre as razões pelas quais os gregos foram em busca de conhecimentos no continente africano.

Segundo Asante (2014), vários filósofos gregos estudaram na África porque o Egito era o grande centro cultural do mundo antigo. Tales teria aprendido filosofia com os egípcios, e Pitágoras passou mais de vinte anos estudando lá. Os gregos buscavam o conhecimento filosófico desenvolvido pelos africanos. Isócrates também afirmou, em *Busirus*, que estudou filosofia e medicina no Egito, mostrando que era na África que se concentrava o saber mais avançado da época.

6658

Por meio dos estudos de uma África diversa, torna-se necessária uma reflexão acerca das representações cristalizadas no senso comum e “[...] como isso pode ser transformado na sala de aula contribuindo para a construção de um discurso e uma prática educativa que tire a velha imagem de estagnação social, econômica e cultural daquele continente” (Silva, 2015, p. 4). As contribuições dos africanos, em diversos campos do conhecimento, mostram a importância das Áfricas para toda a humanidade. Valorizar esses saberes, na escola, contribui para combater o apagamento histórico e reconhecer que muitas técnicas africanas eram mais avançadas que as europeias, além de lembrar que o continente foi berço de grandes civilizações.

Nesse sentido, Penha (2018) destaca que, no Brasil, a forma como a África passou a ser vista foi moldada pela ideologia dos colonizadores, que tratou essas imagens como algo natural e inevitável na História. Por isso, a herança africana, que compõe a base da formação do país, era motivo de constrangimento para as elites republicanas e, conseqüentemente, desvalorizada como cultura e como conhecimento.

Assim, criou-se um legado histórico profundamente nocivo, que ainda hoje influencia o imaginário social: um processo que apaga e deslegitima os saberes, as histórias e as culturas dos povos africanos, enquanto exalta o Ocidente e reforça a ideia de que apenas seus conhecimentos são superiores ou legítimos.

3 O FILME *CLARA DI SABURA*: UMA PERSONAGEM MÚLTIPLA

Clara di Sabura significa, em português, Clara das festas. O filme foi inspirado em um dos poemas da antologia poética de Mussá Baldé, que também é produtor da obra cinematográfica. A narrativa versa sobre a vida de uma jovem expressiva e vaidosa, cujo nome dá título ao filme, lançado em 2011, na capital Bissau. Clara é uma personagem emblemática e multifacetada na qual o diretor reúne diferentes aspectos da sociedade. Cabe observar que se trata de um homem narrando a vida de uma mulher, o que imprime à obra um olhar marcadamente masculino.

Produzido na Guiné-Bissau, o filme foi gravado em língua guineense e legendado em português. Sua análise pode contribuir para a compreensão das assimetrias de gênero na sociedade Bissau-guineense contemporânea, seus desdobramentos e suas implicações. Nesse sentido, destaca-se que a imposição de uma cultura eurocêntrica promoveu a desafricanização de modos de vida Bissau-guineense. Outrora, na sociedade Bissau-guineense, não havia a separação rígida entre espaço público e privado relacionado aos gêneros, isto é, a concepção de que as mulheres estariam restritas ao lar e os homens atuariam no mundo público.

Compreender, ainda, a relação entre educação e gerontocracia pode ampliar o olhar sobre a sociedade Bissau-guineense na contemporaneidade, evitando o viés da estandardização do continente africano, ou seja, a redução de suas diferenças culturais e sociais a uma visão homogênea. Essa perspectiva possibilita legitimar os saberes historicamente marginalizados, reconhecendo a produção de conhecimento em suas múltiplas formas e dimensões. Trata-se de considerar os seus princípios estruturantes e a complexidade desses saberes, em contraposição ao racismo epistêmico ocidental, que sistematicamente desqualifica esse conhecimento.

Assim, ao assistir *Clara di Sabura*, pode-se acessar uma representação da realidade social Bissau-guineense, já que a ficção integra um contexto sociocultural e pode despertar o gosto pela aprendizagem crítica. O filme, nesse sentido, também pode ser utilizado como fonte histórica. Não é possível isolá-lo da realidade em que foi produzido; ao contrário, é necessário investigá-

lo como discurso que constrói sentidos. Cada cenário e situação apresentada abrem espaços para múltiplas análises.

Por fim, ao analisar filmes, especialmente sob uma perspectiva histórica, é preciso considerar que, como afirmam Aumont e Marie (2009), não existe um método universal de análise, pois cada obra demanda abordagens específicas conforme seus contextos e linguagens. A interpretação fílmica é sempre inesgotável, já que mesmo análises detalhadas permitem novas leituras. Além disso, conhecer a história do cinema e os estudos já realizados sobre o filme é fundamental para orientar o enfoque crítico. Assim, a análise fílmica torna-se um exercício mais consistente e significativo.

Figura 1 – Cartaz do filme *Clara di Sabura*



6660

Fonte: Cartaz do filme: Clara di Sabura³

O referido filme foi produzido por Mussá Baldé⁴, nascido em Bissau, Guiné-Bissau, em 25 de fevereiro de 1973. Em 1999, ele assinou contrato com a agência Lusa; no ano seguinte, passou a integrar a equipe da Rádio França Internacional (RFI) (Ampa, 2020). Recentemente, Baldé foi premiado no âmbito do programa da CPLP (Comunidade dos Países de Língua Portuguesa) na categoria FIC TV I, “Projetos de Telefilmes de Ficção”, pelo trabalho intitulado *Coração da*

³Disponível em: <<https://festin-festival.com/festin-2012/programacao/competicao-longa-metragem-2012/>>. Acesso em: 3 set. 2025.

⁴Jornalista, poeta, escritor e produtor cinematográfico Bissau-guineense, Mussá Baldé publicou uma coletânea de poemas em áudio na língua guineense, intitulada *Kriol Tem Li* (literalmente, “Aqui há Kriol”), na qual reuniu diversos poemas escritos ao longo de 20 anos. Nessa obra, Baldé aborda temas relacionados à importância do mar e da floresta, aos feitos memoráveis dos combatentes da liberdade da pátria contra o jugo colonial, à vaidade e ao empoderamento das mulheres Bissau-guineenses, além de alertar os políticos de que um dia o povo não mais sucumbirá à ganância daqueles no poder. O autor optou por escrever a coletânea em *kriol*, língua da unidade nacional, mesmo sem possuir uma grafia única, reafirmando o valor cultural e identitário dessa língua na Guiné-Bissau.

Guiné – Última Tragédia, adaptação da obra do engenheiro e do primeiro romancista Bissau-guineense Abdulai Silá. O programa da CPLP tem o objetivo de fomentar a produção e a difusão de conteúdos audiovisuais nos países de língua portuguesa.

Figura 2 – Imagem do Mussá Baldé



Fonte: Jornal O Democrata GB⁵

6661

Embora a análise fílmica não siga regras rígidas nem detenha verdades absolutas, sua problematização é importante para o ensino de História. Uma obra cinematográfica pode revelar aspectos da história e dos costumes de uma sociedade, passíveis de análise sob diferentes matrizes teóricas e epistemológicas, já que o filme, assim como a linguagem, é dotado de múltiplos sentidos. Denovac (2018, p. 19) lembra que “[...] a polissemia das imagens está para a polifonia das palavras”. Nesse sentido, como ressalta o referido autor, buscamos “[...] os aspectos teóricos e metodológicos que mais se adéquem” ao objetivo da análise, cientes de que outras leituras, com diferentes chaves hermenêuticas, também são possíveis, evidenciando as limitações inerentes a qualquer interpretação.

O filme *Clara di Sabura* apresenta elementos do tempo presente que, em diálogo com a História, permitem acessar dimensões do passado por meio da ficção, captando as imagens da sociedade Bissau-guineense a partir de categorias de análise, de referências culturais e subjetivas, possibilitando tematizar as experiências dos sujeitos retratados. No entanto, a

⁵ Disponível em: <https://www.odemocratagb.com/?p=23694>. Acesso em 03 set. 2025.

aprendizagem histórica é complexa e exige leitura cuidadosa dos dados empíricos oferecidos pela obra, bem como de seus referenciais teóricos.

A utilização do filme como recurso didático e pedagógico possibilita que professores(as) e estudantes utilizem obras cinematográficas para elucidar conteúdos históricos e dialogar com as múltiplas temporalidades presentes na produção fílmica. Deve-se, contudo, ter cautela em relação a modelos prontos de uso de recursos didáticos, promovendo trocas constantes e atividades sistemáticas que ampliem a percepção dos(as) estudantes sobre os conteúdos históricos.

O conteúdo fílmico amplia o repertório cultural e científico por meio da problematização de questões que estimulam as reflexões críticas. O uso do filme em aulas de História não se configura como atividade isolada, mas como ferramenta que propicia aprendizagem, permitindo compreender as narrativas, os roteiros e os dilemas morais e sociais das personagens.

Dessa forma, possibilita analisar as relações humanas, desenvolver a noção de pesquisa histórica e compreender como indivíduos e coletividades são representados nos filmes e nos seus contextos sociais. Isso pressupõe, entre outros aspectos, que a aprendizagem histórica por meio de filmes não é imediata, pois depende da cultura histórica e das narrativas prévias de cada indivíduo. Aprender História envolve um processo cognitivo complexo, baseado na ampliação de experiências históricas e não apenas na assimilação das informações contidas na narrativa (De Souza, 2018).

6662

Conforme ressalta Morettin (2003), Marc Ferro (que teorizou e aplicou a relação entre cinema e história) postula que “o cinema é um testemunho singular de seu tempo, pois está fora do controle de qualquer instância de produção, principalmente o Estado. Mesmo a censura não consegue dominá-lo. O filme, para o autor, possui uma tensão que lhe é própria” (p. 13). Nesse sentido, *Clara di Sabura* é fruto do imaginário de uma sociedade Bissau-guineense, projetado e representado na tela cinematográfica.

Segundo Denovac (2018), os conflitos e tensões mostrados ou sugeridos em um filme podem revelar aspectos ocultos de uma sociedade, aquilo que não é percebido à primeira vista, e os mecanismos que orientam a experiência social humana. Esses elementos, por sua vez, têm grande influência na forma como se desenvolve a postura crítica e política.

Dessa forma, o uso de filmes em aulas de História apresenta limites e potencialidades, pois permite a compreensão da epistemologia histórica em suas múltiplas nuances, provocando conflitos cognitivos que tensionam ideias prévias sobre determinado tema e incentivam a

reflexão crítica.

Sublinha-se que para Denovac (2018), mesmo quando um filme recorre ao passado ou o representa diretamente, ele sempre fala sobre o presente. Sua narrativa e suas imagens refletem o momento em que foi produzido e dialogam com o mundo que o circunda, revelando tanto elementos reais quanto imaginários desse contexto.

O que se constata no filme desafia o telespectador a permanecer incomodado, pois os aspectos revelados dizem muito sobre a história e a cultura Bissau-guineense, mesmo que a obra busque dar “[...] conta do seu tempo, mas o faz articulado com experiência temporal na longa duração, desencadeando várias temporalidades apartir do presente” (Denovac, 2018, p. 15-16). Por meio dos filmes, é possível ampliar a visão de mundo, estabelecendo um diálogo com passados que não se esgotam e que se expressam no presente fílmico.

Clara di Sabura concentra-se na figura feminina da personagem-título, narrando que ela é uma menina prestes a completar quinze anos. Embora, no decorrer da narrativa, Clara aparente ter uma idade mais avançada, seu crescimento significativo não é explicitamente narrado. Ainda assim, subitamente, a personagem atinge uma fase adulta, mantendo a mesma estrutura física, evidenciada quando se encontra com uma amiga que lhe contou que já se formou e estava casada. Por meio dessa construção temporal, o autor revela a conduta de Clara como uma inversão de valores: ela vai na contramão dos ensinamentos recebidos. Essa postura acarreta consequências para a personagem, que sofre com rótulos e julgamentos por desafiar normas sociais e fugir de opressões impostas.

6663

O universo diegético⁶ do filme possibilita a realização de múltiplas análises, ao representar o passado e recriar realidades de forma sensível às experiências humanas. Assim, infere-se que, segundo Aumont e Marie (2009), a análise de um filme não deve se basear nas supostas intenções do cineasta, pois mesmo que estas fossem claras para ele, não há garantia de que o filme as reflita fielmente, nem de que o analista possa conhecê-las com certeza. O foco do analista deve ser colocar-se em seu próprio lugar, diferente do cineasta e levantar questões relacionadas à criação e à construção da obra.

O filme evidencia o fortalecimento das desigualdades de gêneros na sociedade Bissau-guineense, uma vez que, com a colonização portuguesa, a distinção entre os gêneros tornou-se

⁶Trata-se de compreender “[...] tanto a série das ações, seu suposto contexto (seja ele geográfico, histórico ou social), quanto o ambiente de sentimentos e motivações nos quais eles surgem” (Aumont, 1995, p. 114), ou seja, todo o universo perceptível no conjunto ficcional em que a ação se desenvolve. Em outras palavras, refere-se também ao universo sonoro e visual da cena, incluindo o diálogo entre personagens, a paisagem sonora e outros elementos que constituem a experiência sensível da narrativa.

uma prática constante e reforçada: aos homens são reservados papéis sociais estratégicos para a sobrevivência coletiva, enquanto às mulheres cabiam posições restritas ao espaço familiar.

Dessa forma, é necessário discutir como os dispositivos sociais e culturais que garantem maior participação das mulheres nas decisões políticas se manifestam na referida sociedade. No filme, por exemplo, enfatiza-se que Clara deveria se preocupar com os estudos ainda que ela não tenha se casado e provado ser boa esposa. Nesse contexto, é possível interpretar as críticas dirigidas à Clara como uma mulher que não estudou e não constituiu uma família, que são expressões de uma sociedade que ignora que ela é vítima de múltiplos problemas estruturais, atravessada por diversas variáveis que a condicionam e segregam-na. Contudo, a personagem não se submete às determinações sociais, demonstrando que o espaço privado não está, exclusivamente, atrelado à figura feminina.

O uso do cinema como fonte histórica permite pensar as películas de forma autoral, atribuindo novos significados às imagens e incorporando-as ao discurso histórico, além de refletir as concepções presentes no imaginário social. Ademais, o filme produz sentidos que se disseminam por meio das interpretações e das opiniões do público, revelando seu efeito na constituição dos valores de uma sociedade em que foi produzido (Denovac, 2018).

A análise fílmica, enquanto possibilidade metodológica, requer a compreensão das práticas e das formas de interação entre professores(as), estudantes e o conhecimento histórico. Nesse contexto, optou-se por analisar o filme *Clara di Sabura*, utilizando trechos selecionados como ponto de partida para refletir sobre os mecanismos que estruturam a sociedade Bissau-guineense. Busca-se, assim, problematizar suas mazelas e suas contingências, bem como compreender de que maneira mulheres como Clara enfrentam tais desafios e quais são as implicações dessas experiências para a educação, especialmente no que se refere ao ensino da História.

6664

4 QUESTÃO DE ASSIMETRIA DO GÊNERO NO CONTEXTO BISSAU-GUINEENSE

O filme inicia-se com a fala da avó da Clara, dona Clementina, que diz: “Este mundo já não é como dantes. Na minha juventude, [...] o mundo era outro. Os jovens ouviam conselhos dos velhos. Não é como agora, que não acatam os conselhos” (Baldé, 2011, 0:06–0:28/parte 1/5). Essas palavras chamam a atenção de Clara e de suas tias, que escutam, atentamente, as declarações de dona Clementina.

Figura 3 – “Este mundo já não é como dantes”



Fonte: filme *Clara di Sabura* (Baldé, 2011, 0:43/parte 1/5).

Após esses conselhos, dona Clementina dirigiu-se a Clara e às tias, orientando-as a dormir cedo para que, no dia seguinte, pudessem pilhar o arroz que havia sobrado, embora Clara tenha demonstrado certo descontentamento com a recomendação de sua avó. Ao amanhecer, a menina recusou-se a ajudar as tias, alegando dor de cabeça. Uma delas, porém, observou que, desde criança, Clara nunca demonstrara grande afeição pelo trabalho.

Figura 4 – “Não dá ouvidos a ninguém”



Fonte: filme *Clara di Sabura* (Baldé, 2011, 5:57/parte 2/5).

Foi a avó de Clara quem a educou desde a mais tenra idade, uma vez que sua mãe faleceu logo após o parto. Dona Clementina demonstrava grande preocupação com o futuro da neta, chegando a afirmar que a educação era a “melhor amiga de uma mulher. No futuro, a escola pode ser o teu marido, caso as coisas venham a correr mal em termos do casamento” (Baldé, 2011, 4:05-4:15/parte 3/5).

A reprodução das assimetrias de gênero na Guiné-Bissau tem gerado desigualdades significativas, resultando na dominação institucional masculina e na discrepância entre homens e mulheres no aparelho estatal e nas lideranças partidárias, por meio de políticas perversas de silenciamento e de desvalorização, constituídas ao longo do tempo. No filme, observa-se que Clara recebeu uma educação baseada em valores de cortesia e de respeito, a ponto de surpreender as pessoas com sua cordialidade ao cumprimentá-las.

Figura 5 – elogios à Clara



Fonte: filme *Clara di Sabura* (Baldé, 2011, 7: 53/parte 1/5).

Muitas pessoas chegavam a afirmar que Clara não havia sido educada na capital do país, visto que os(as) jovens de sua idade já não cumprimentavam os mais velhos. Contudo, ao descobrirem que ela era neta de dona Clementina, atribuíam à avó o mérito pela boa educação da menina, reconhecendo que esta fora formada nos tempos em que se aprendia a tartar os outros com respeito, especialmente aqueles de idade mais avançada.

No retorno das férias, Clara lembrava aos colegas as recomendações do professor de Português, Kelvin, acrescentando que deveriam ajudar uns aos outros nas atividades de avaliação. Em resposta, alguns a acusaram de não frequentar as aulas e de gostar de colar nas atividades formativas. Além disso, em certa ocasião, Clara preparou a refeição, e sua avó mostrou-se desapontada com a qualidade da comida, lembrando-a de que há muito tempo vinha aconselhando-a sobre a importância do domínio da cozinha para uma mulher, ressaltando que não bastava apenas ser bonita ou vestir-se bem para conquistar um bom esposo.

Figura 6 – Recomendações do professor



Fonte: filme *Clara di Sabura* (Baldé, 2011, 0:38/parte 2/5).

Os conselhos de dona Clementina à neta Clara evidenciam que “[...] ainda hoje, as mulheres tendem a fazer mais tarefas de casa do que os homens — elas cozinham e limpam a casa” (Adichie, 2014, p. 42). Nesse sentido, a referida autora questiona o modo como essas desigualdades ainda persistem no mundo, destacando a submissão histórica das mulheres e reforçando a necessidade imediata de transformação dessa realidade social.

No decorrer da trama fílmica, Clara se dirige à casa do seu professor de Língua Portuguesa, que a revela ter uma forte paixão por ela, mas que, em um ato de pura virilidade masculina, ainda fortemente presente na sociedade Bissau-guineense, lhe exige não ser traído com outros professores da escola na qual ele também lecionava. Deve-se ressaltar que esse relacionamento ocorre entre um homem adulto e uma menina prestes a completar quinze anos de idade.

Esse tipo de relação é inaceitável dentro do contexto Bissau-guineense e fere os princípios éticos da sociedade. O filme aborda, de forma crítica, a questão do assédio sexual de professores, mostrando a necessidade de denúncias sistemáticas aos órgãos de controle competentes para apuração e punição desse crime inaceitável socialmente. Tais práticas são repugnantes e intoleráveis, devendo ser combatidas, de modo a prevenir as relações abusivas entre professores e estudantes menores de idade.

O filme também destaca as virtudes de Clara caracterizada pela cordialidade e atenção demonstradas no bairro. Nessa senda, observa-se uma cena em que Clara cumprimenta a tia Juventina, que, emocionada, comenta: “Esta menina cumprimenta-me que até fico com o corpo mole. Que boa menina que ela é” (Baldé, 2011, 07:35–07:42/parte 1/5). Em seguida, sua prima lamenta: “coitada da avó Clementina. Parece que isso é o mal delas. Pois todas elas apenas

tiveram filho único. Andaram pelas matas do Forombal, dia e noite, a pedir mais filhos. É o mal que vem de trás na linhagem da família delas. Desde a avó da Clementina” (Baldé, 2011, 08:21–08:45/parte 1/5).

Figura 9 – A cena referente aos castigos dos deuses



Fonte: Filme *Clara di Sabura* (Baldé, 2011, 08:47/parte 1/5).

A cena revela a importância dos laços familiares e do respeito intergeracional na sociedade Bissau-guineense. O gesto de Clara ao cumprimentar a tia Juventina não é somente uma formalidade; é uma manifestação de consideração e de reconhecimento da autoridade moral e afetiva, prática profundamente valorizada nas culturas da Guiné-Bissau, reforçando normas de sociabilidade, de ética e de reciprocidade dentro do grupo familiar Bissau-guineense.

Além disso, destaca-se a presença da matrilinearidade evidenciada ao longo do filme. A narrativa faz referência à “linhagem da família delas” e às petições dirigidas aos “deuses da maternidade”, elementos simbólicos que remetem à fertilidade, ao cuidado e à continuidade da vida, reforçando o papel das mulheres como guardiãs das gerações futuras em muitas práticas culturais Bissau-guineenses.

A referência ao “mal delas” e à necessidade de recorrer às matas e aos deuses reflete a concepção de ancestralidade, de espiritualidade e de destino, onde eventos da vida cotidiana estão conectados a forças sobrenaturais. O fato de a família ter tido apenas filhos únicos e ter recorrido aos deuses sugere uma leitura do mundo em que as bênçãos ou punições dos deuses influenciam diretamente a prosperidade e o equilíbrio da vida familiar.

Posto isto, ao descobrirem que ela abandonou a escola para assistir telenovelas e manter relacionamentos supostamente motivados por interesses pessoais, a vizinhança se desiludiu, percebendo que Clara não correspondia às expectativas sociais depositadas nela. Mais tarde, dona Clementina descobre que a neta não concluiu o 5º ano, tendo repetido o nível três vezes,

fato que a deixou profundamente chocada, quase desmaiando, sendo amparada às pressas pelas tias de Clara.

Diante do exposto, a vizinhança passou a falar mal da jovem. As crianças, ao tomarem conhecimento da situação, compuseram músicas irônicas, zombando de Clara e reforçando o rótulo de “rainha das festas”. Ao passar pelas ruas, Clara ouvia piadas sarcásticas e se sentia profundamente afetada pelos estigmas que lhe foram atribuídos.

O filme funciona como uma crítica social e um convite à reflexão sobre a vida de *Clara di Sabura*, evidenciando que sua trajetória não exigia grandes esforços para conquistar reconhecimento na sociedade. No entanto, Clara buscava, acima de tudo, viver plenamente, ser feliz e não se submeter às normas sociais que a circundavam. Por essa razão, desistiu cedo da escola, possivelmente por não perceber nela um espaço de prazer ou de real valorização, considerando que obter um diploma parecia inútil em um país repleto de formados(as) desempregados(as).

Nesse sentido, o afastamento de Clara das aulas pode ser interpretado como uma forma de protesto: ela não via sentido em seguir um caminho que, para ela, não oferecia perspectivas reais de sucesso, pondo, de certa forma, em questão, a discussão sobre a meritocracia educacional na sociedade Bissau-guineense. Ela optou por romper os paradigmas, recusando-se a cumprir os papéis socialmente estabelecidos. A educação formal, herdada de um sistema colonial, parecia apresentar-se, para Clara, como um mecanismo de despersonalização e de dominação voltados para a formação de indivíduos dóceis e ajustados às demandas de um capitalismo excludente. Muito provavelmente, consciente desse contexto, Clara não se dobrou as normas que visavam moldá-la, seguindo padrões idealizados; ao contrário, ela resistiu a uma prática de violência simbólica.

O diretor também evidenciou a frustração da avó da Clara, que dedicou esforços imensuráveis para vê-la formada e casada. O desapontamento de dona Clementina demonstra o choque entre as expectativas e a decisão da neta, que rompeu com a lógica da valorização do mérito institucionalizado. Clara buscou, então, construir redes de relações como estratégia de sobrevivência, percebendo que o mérito formal é muitas vezes ilusório e que o sistema educacional se sustenta em desigualdades sociais e institucionais que ignoram as experiências individuais.

Além disso, Clara parece ter percebido que a escola, embora estruturada como um espaço racional, funcionava, principalmente, como um mecanismo de reprodução de poder e de

desigualdade sociais à moda das denúncias realizadas pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu ao estudar, por exemplo, a sociedade argelina. Nesse sentido, Clara optou por não apostar na meritocracia, concentrando-se em formar vínculos com pessoas influentes e representativas da sociedade Bissau-guineense. Esse comportamento revelou como Clara é, em grande medida, vítima de um abandono escolar estrutural que exclui milhares de jovens, especialmente aqueles oriundos da classe trabalhadora, que não percebem a escola como instrumento de transformação ou de inclusão social. Assim, é urgente repensar a escola como um espaço aberto à mudança, à diversidade e às múltiplas formas de compreender o mundo.

Como se observa no filme, atitudes de segregação, ridicularização e assédio vivenciadas por Clara não contribuem para a sua reintegração ao ambiente escolar. Elas apenas evidenciam a persistência de um sistema de ensino falido, fundamentado na exclusão e na dominação que aprisiona a pluralidade da vida. Por fim, destaca-se que a dona Clementina lamentou ter criado Clara com tanto amor e dedicação, renunciando a muitos dos seus desejos para que a neta pudesse ter um futuro promissor. Ela afirmou que se empenharia em descobrir o ocorrido e, caso houvesse indícios de feitiçaria, faria questão de descobrir a verdade.

Figura 7 – Questionamento da Avó da Clara



Fonte: filme Clara di Sabura (Baldé, 2011, 7:47/parte 4/5).

Dessa maneira, destaca-se que o feitiço constitui um elemento cultural e social de grande relevância em todo o contexto Bissau-guineense. As pessoas dotadas de poderes sobrenaturais, conhecidas como feitiçadeiras, são compreendidas como intermediárias de espíritos, tanto benignos quanto malignos. Elas utilizam seu conhecimento esoterico não apenas para provocar infortúnios em função de interesses pessoais ou de malefícios, mas, também, para realizar ações extraordinárias em benefício da comunidade à qual pertencem.

Levando em consideração a herança colonial e a influência de perspectivas judaico-cristãs, parte da população Bissau-guineense encara o feitiço como algo deplorável a ser combatido. Essa visão desvaloriza, invisibiliza e inferioriza um elemento simbólico essencial da cultura, reduzindo-o a algo exclusivamente destrutivo. Como consequência, cria-se um sentimento de repulsa e de afastamento em relação a essa prática. Dessa forma, compreende-se a importância simbólica do feitiço, a fim de desconstruir percepções pejorativas e desmistificar interpretações distorcidas, reconhecendo-o como parte integrante da tradição cultural do país.

O filme retrata a busca de Clara por redes de relacionamento, que a levou, por exemplo, a namorar um ministro de Estado, representante da elite política do país, possibilitando-lhe uma rápida ascensão social. Essa busca constitui sua estratégia de resistência e de afirmação diante de um sistema econômico e social profundamente excludente, que priva milhares de Bissau-guineenses do acesso às escolas de qualidade e aos serviços públicos essenciais, como saúde, moradia e segurança pública.

Figura 8 – Indignação



Fonte: filme *Clara di Sabura* (Baldé, 2011, 01:09/parte 5/5).

Nesse contexto, Clara é retratada como alguém que não se dedicava a conquistar uma profissão de forma convencional, optando, aparentemente, por um caminho mais fácil. No entanto, até que ponto o ideal de “esforço” para alcançar objetivos se aplica a uma jovem pobre na Guiné-Bissau? O capitalismo pressupõe que dedicação e empenho são suficientes para superar obstáculos, mas, na prática, muitas variáveis e as condições sociais em que a pessoa está inserida são ignoradas, sendo utilizado o discurso de mérito em contextos onde não há políticas de equidade.

O episódio em que Clara é indicada para uma vaga de emprego, que exigia a realização de uma prova para selecionar o(a) candidato(a) mais qualificado(a), evidencia a fragilidade do

sistema de contratação na Guiné-Bissau, inclusive na estrutura estatal. Basta que um contato influente, neste caso, o amigo de seu namorado, então ministro de Estado interceda, e a vaga é rapidamente garantida, mostrando como as relações pessoais muitas vezes se sobrepõem à competência formal.

Na ocupação de cargos públicos na Guiné-Bissau predomina a bajulação e a intriga, o que dificulta que pessoas sem esse perfil consigam um emprego. Em muitos setores do serviço público, sequer se realiza um concurso público, uma vez que “[...] prevalece o favoritismo político e o nepotismo como critérios de recrutamento [...]” (Gomes, 2021, p. 50). Ao mesmo tempo, constrói-se uma narrativa de valorização da meritocracia que, na prática, não se aplica na ocupação de cargos políticos e administrativos, sendo comuns o clientelismo. Existem situações nas quais as pessoas são recutadas para ocupar funções públicas e são totalmente despreparadas para tal, pois “[...] são visíveis os atos de corrupção, patrimonialismo, nepotismo, dentre outras criminalidades, sendo que o que o país mais necessita é de pessoas capazes e competentes para alcançá-lo” (Gomes, 2021, p. 18).

Desacreditada nesse sistema, Clara buscava satisfação em atividades simples, como frequentar festas e assistir telenovelas. Para se projetar na sociedade e garantir sua sobrevivência, recorreu a esses mecanismos de ascensão social. Assim, quando um amigo do ministro com quem namorava lhe ofereceu uma vaga de emprego, aceitou prontamente, mesmo despovida das qualificações necessárias.

6672

De modo geral, à ocupação de cargos administrativos na estrutura estatal ocorre, muitas vezes, por meio de redes de relacionamentos e de indicações partidárias. Como consequência, os ocupantes desses cargos tendem a atuar mais em benefício dos partidos políticos do que em prol das transformações estruturais da Guiné-Bissau. Nesse contexto, torna-se fundamental a realização de concursos públicos, de modo a evitar que as pessoas se tornassem reféns de interesses partidários. Assim, aqueles que assumirem cargos administrativos teriam, ao menos, a consciência de que estão ali para servir à pátria, e não a segmentos políticos específicos.

No entanto, questiona-se porque a história foi construída em torno da Clara, uma mulher, e não de um homem Bissau-guineense que buscaria um caminho mais “fácil” para obter reconhecimento e prestígio social. Essa escolha narrativa reflete, em grande medida, as estruturas de machismo e de patriarcado presentes nessa sociedade. Ainda hoje, vive-se em uma sociedade falocêntrica, a qual frequentemente estigmatiza e silencia as mulheres. Apesar disso, as mulheres Bissau-guineenses demonstram constante capacidade de emancipação, resistindo

às imposições de gênero, assumindo suas responsabilidades e deveres, rompendo barreiras e enfrentando o patriarcado, ao mesmo tempo em que despertam a consciência cívica e social.

A luta incessante das mulheres para pôr fim à desigualdade ocupacional e à discriminação no acesso aos espaços de poder é evidente. Desde muito tempo, elas batalham por uma sociedade justa e igualitária, promovendo a equidade de gênero e travando diversas lutas. Um exemplo concreto foi a aprovação, pelo parlamento, de uma quota mínima de 36% para a representação feminina na política e na tomada de decisões. Essa lei, aprovada em 2 de agosto de 2018, garante uma representatividade política mais equilibrada entre os gêneros, embora ainda persista a invisibilidade das mulheres em determinados espaços de poder.

Nesse contexto, é fundamental assegurar mais lugares estratégicos para as mulheres, nos quais possam ocupar posições de liderança, tanto em partidos políticos quanto em associações juvenis. As mulheres são pilares da sociedade e suas contribuições são perceptíveis em diversas esferas da vida econômica, social e comunitária.

No entanto, ainda existem obstáculos que limitam a participação efetiva das mulheres nesses espaços. Por isso, deve-se promover mudanças estruturais e encorajar mais mulheres a lutarem por seus espaços, visando à autonomia, à consciência de seus direitos e à construção de uma sociedade que respeite a diversidade, a pluralidade de ideias e que rejeite qualquer forma de discriminação de gênero.

6673

Paralelamente, é fundamental que haja compromisso com a estabilidade do país, permitindo a implementação de políticas públicas que promovam maior visibilidade e fortalecimento das mulheres. Somente assim, será possível valorizar e institucionalizar medidas que assegurem sua inserção em diferentes esferas sociais. Diante disso, diferentes atores políticos e sociais devem unir esforços para apoiar a luta feminina, denunciando práticas ignóbeis em nossa sociedade machista e patriarcal, que precisa expandir as percepções sobre mulheres.

No filme, observam-se olhares de julgamento moral e de preconceito direcionados à personagem Clara. Contudo, em nenhum momento da narrativa, são questionados os motivos que a levaram a escolher seu caminho. Ela é rotulada como vilã, sendo esperado que se dedique tanto aos afazeres domésticos quanto a ser uma boa esposa, além de estudar para “ser alguém na vida”. Nesse sentido, Adichie (2017, p. 9) ressalta que “[...] saber cozinhar não é algo que vem pré-instalado na vagina. Cozinhar se aprende”.

A autora reforça que esse e outros services domésticos são habilidades que podem ser

aprendidas tanto por homens quanto por mulheres, constituindo atributos importantes para ambos os gêneros, sem que isso seja uma obrigação exclusiva das mulheres, de modo a construir uma sociedade verdadeiramente democrática, na qual cada pessoa possa sentir-se satisfeita ao realizar atividades que lhe traga prazer e realização pessoal, visto que os condicionamentos limitam o potencial individual, sobretudo das mulheres, uma vez que “[...] os estereótipos de gênero são tão profundamente incutidos em nós que é comum segui-los mesmo quando vão contra nossos verdadeiros desejos, nossas necessidades, nossa felicidade” (Adichie, 2017, p. 12).

Ainda segundo Adichie (2017), ensinamos as meninas a valorizarem o casamento, enquanto não transmitimos essa expectativa aos meninos. Isso já cria, desde cedo, um forte desequilíbrio: mulheres crescem preocupadas em casar-se, enquanto homens não veem o matrimônio como prioridade. Quando essas trajetórias se encontram, a relação tende a ser desigual, pois o casamento tem peso muito maior para um dos lados do que para o outro.

Nesse caso, muitas meninas acabam presas em relacionamentos abusivos, enquanto alguns pais permanecem inertes, deixando de protegê-las, o que pode acarretar graves danos psicológicos e até agressões físicas, especialmente quando se beneficiam dos frutos dessas relações. Por essas e outras razões, não se deve exigir das meninas a ideia do casamento, cobrança que raramente é imposta aos homens em uma sociedade que se pretende igualitária (Adichie, 2017).

6674

Faz-se necessário reforçar o questionamento em relação a visão do casamento enquanto prêmio para as meninas, visto que “[...] se pararmos de condicionar as mulheres a verem o casamento dessa forma, não precisaremos discutir tanto se uma esposa precisa cozinhar para ganhar esse prêmio” (Adichie, 2017, p. 10). Condicionar as mulheres a enxergarem o casamento dessa maneira constitui, em essência, uma estratégia de dominação masculina. Como Adichie também pontua “[...] se não empregarmos a camisa de força do gênero nas crianças pequenas, daremos a elas espaço para alcançar todo o seu potencial” (Adichie, 2017, p. 11).

Desse modo, percebe-se que a questão de gênero, infelizmente, não reconhece a individualidade das pessoas, mas institui normas rígidas sobre como se deve ser. Se não houvesse essas imposições, o ser humano, muito provavelmente, seria mais livre e autêntico, expressando plenamente quem se é (Adichie, 2014). Nesse contexto, “[...] o caminho da conquista feminina pelo espaço público guineense assentará [...] na desmistificação da ideia de uma cidadania privada para as mulheres e de uma cidadania pública para os homens, que persiste como modelo [...] de sociedade” (Moreira, 2018, p. 90).

Portanto, é urgente que se implemente mecanismos de mudanças na esfera política Bissau-guineense para eliminar as discrepâncias entre homens e mulheres na ocupação de cargos políticos, rompendo com a visão de que as mulheres seriam aptas apenas para os lares ou para posições subalternas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O filme *Clara di Sabura* destaca a inadequação da personagem Clara às normas sociais. O julgamento moral direcionado a ela baseia-se na valorização do mérito como critério para acessar as estruturas de poder. No entanto, Clara percebe que, mesmo seguindo todos os parâmetros estabelecidos, a meritocracia frequentemente não assegura grandes conquistas, pois desconsidera as contingências da vida, a corrupção e o favorecimento que limitam a realização dos desejos humanos. Por essa razão, ela passa a estabelecer redes de relações estratégicas como um meio de se posicionar e atuar dentro de um sistema desigual.

É necessário, portanto, desenvolver práticas pedagógicas que contribuam para a eliminação da discriminação de gênero nas sociedades contemporâneas. Por conseguinte, é preciso estabelecer diálogos com diferentes grupos; politizar e empoderar as mulheres; romper com o imaginário falocêntrico; contestar o machismo e o patriarcado e implementar medidas que superem as desigualdades e combatam as assimetrias. O sentido de coletividade configura-se, nesse contexto, como um ato de resistência e de mobilização, visto que a violência faz parte do cotidiano de muitas mulheres. Só será possível construir uma sociedade verdadeiramente democrática quando se escutarem as mulheres Bissau-guineenses, compreendendo suas experiências, os estigmas que atravessam seus corpos e as múltiplas formas de violências as quais elas estão submetidas, fortalecendo essas vozes historicamente silenciadas.

A ampliação da noção de igualdade e de justiça social pressupõe a erradicação da violência simbólica e a eliminação da opressão exercida sobre as mulheres, evitando a reprodução de comportamentos autoritários e garantindo a ampliação das possibilidades de participação feminina na política.

Em suma, o filme concentra-se na análise de uma mulher sob um olhar masculino, evidenciando como a sociedade Bissau-guineense ainda desumaniza as mulheres. A luta contra a violência doméstica e sexual deve ser conduzida por meio da atuação ativa de diferentes grupos sociais, levando em conta toda a história de resistência feminina. O objetivo é valorizar e promover a diversidade cultural, fortalecer as agendas das mulheres em suas lutas e fomentar

mudanças concretas que assegurem a igualdade de gênero, inclusive nos espaços de poder, superando as desigualdades que dificultam avanços significativos no combate a todas as formas de preconceito e de discriminação de gênero.

REFERÊNCIAS

AMPA, Aguinaldo. Figura da Semana: Mussa Baldé lança coletânea de poesias em ‘CD’ intitulado “kriol O jornal democrata, 23 fevereiro 2020. Disponível em: <https://www.odemocratagb.com/?p=23694>. Acesso em 03 set. 2025.

AMPA, Aguinaldo. Jornal o Democrata. Bissau, 2020. Disponível em: <https://www.odemocratagb.com/?p=23694>. Acesso em: 29 nov. 2025.

ASANTE, Molefi Kete. Uma origem africana da filosofia: mito ou realidade? Capoeira Humanidades e Letras, v. 1, n. 1, p. 116-121, 2014.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. Sejamos todos feministas. Editora Companhia das letras, 2014.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. Para educar crianças feministas: um manifesto. Editora Companhia das Letras, 2017. AUMONT, Jacques; MARIE, Michel. A Análise do Filme. Lisboa: Papelmunde. 2009.

AUMONT, Jacques. A estética do filme. Campinas, SP: Papirus, 1995.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. A construção do outro como não-ser como fundamento do ser. 2005. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005; 339 p.

BALDÉ, Mussá. Clara di Sabura. Direção: José Mendes Lopes. Produção de Delgado Mussá Baldé. Guiné-Bissau: Gapro Audiovisual e Cabos Internacional Venture, 2011. 1h6min.

DENOVAC, Adriano. “O caos reina”: descentramento e dystopia na trilogia da depressão (Lars Von Trier, 2008-2014). 2018. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Ciências Humanas e da Educação. Universidade Do Estado De Santa Catarina, Florianópolis, 2018; 118p.

DE SOUZA, Éder Cristiano. Filmes, compreensão e empatia histórica: contribuições de um estudo empírico. História& Ensino, v. 24, n. 1, p. 135-164.

FESTIN – Festival de Cinema Itinerante da Língua Portuguesa. Competição Longa-Metragem. 2012. Disponível em: <https://festin-festival.com/festin-2012/programacao/competicao-longa-metragem-2012/>. Acesso em 03 set. 2025.

GOMES, Marilena Cordeiro. Importância do concurso público para combate ao patrimonialismo na Guiné Bissau. 2021. Monografia (Graduação em Administração Pública) – Instituto de Ciências Exatas Sociais Aplicadas. Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, Redenção-Ceara, 2021; 56 p.

GUINEE Bissau Official. Clara di Sabura Partie 1/5. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IkfUqgssiek>. Acesso em: 03 set. 2025.

GUINEE Bissau Official. Clara di Sabura Partie 2/5. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DkHE-hXTUNw>. Acesso em 03 set. 2025.

GUINEE Bissau Official. Clara di Sabura Partie 3/5. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FTgnyicB7xQ>. Acesso em: 29 nov. 2025.

GUINEE Bissau Official. Clara di Sabura Partie 4/5. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oUAz6Dfrfh4>. Acesso em 03 set. 2025.

GUINEE Bissau Official. Clara di Sabura Partie 5/5. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GoLzsf6y5wQ>. Acesso em 03 set. 2025.

GONÇALVES, L.A.O.; SILVA, P.B.G. Movimento negro e educação. Revista Brasileira de Educação, São Paulo, n. 15, p. 134-158, set.-dez. 2000.

LOPES, José. Festin (Festival de Cinema Itinerante da língua portuguesa), Bissau, 2012. Disponível em: <https://festin-festival.com/festin-2012/programacao/competicao-longa-metragem-2012/>. Acesso em: 29 nov. 2025.

6677

MORETINN, Victório Eduardo. O Cinema como fonte histórica na obra de Marc Ferro. História: Questões & Debates, Curitiba: UFPR, n. 38. 2003. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/historia/article/view/2713/2250>>. Acesso em: 03 set. 2025.

MOREIRA, Joacine Katar. A Cultura di Matchundadi na Guiné-Bissau: Género, Violências e Instabilidade Política. Tese (Doutorado em Estudos Africanos) – Centro de Estudos Internacionais. Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa, 2018, 320 p.

OLIVA, Anderson Ribeiro. A história Africana nas escolas brasileiras: entre o prescrito e o vivido, da legislação educacional aos olhares dos especialistas (1995-2006). História (São Paulo), v. 28, p. 143-172, 2009.

PENHA, Eli Alves. Imagem e representação social da África no Brasil: a geopolítica africana do governo Lula. Geo UERJ, n. 33, p. 343-10, 2018.

SAID, Edward W. Orientalismo: o oriente como invenção do Ocidente. Editora Companhia das Letras, 2007.

SILVA, Aílson Barbosa da. A qual África eles se referem? O continente africano entre o senso comum e a sala de aula: algumas considerações. X Encontro Regional Nordeste de História Oral. História Oral, Educação e Mídias, Salvador-BA, 2015.